



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NÚMERO 112
ABRIL|2010

NEWSLETTER



O Sonho

Ópera de Pedro Amaral



© Mária Lessa

4

O Sonho de Pedro Amaral

É a primeira ópera assinada pelo compositor Pedro Amaral, inspirada no texto dramático inacabado de Fernando Pessoa sobre a figura bíblica de Salomé. *O Sonho*, encomenda da Fundação Gulbenkian, terá estreia mundial em Londres, este mês, e será apresentada no Grande Auditório a 3 de Maio. Em entrevista, Pedro Amaral revela o que vai ser este drama simbolista que reinterpreta a figura de Salomé.



8

Pachauri na Fundação Gulbenkian

Alterações climáticas: o grande desafio ao nosso futuro comum é o título da conferência que Rajendra K. Pachauri fará no Auditório 2 da Fundação, no dia 27 de Abril, pelas 18h, a convite do Programa Gulbenkian Ambiente. O responsável pelo Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas das Nações Unidas falará dos grandes desafios que se colocam ao mundo depois da conferência de Copenhaga.



9

Arquivos do Ultramar em site único

<http://arquivos.ministerioultramar.holos.pt> é o endereço do *site* onde podem ser pesquisados os documentos produzidos entre 1930 e 1974, no quadro das actividades do extinto Ministério do Ultramar. Este período da história portuguesa, disperso por vários arquivos e ministérios, passou a estar contido numa base de dados de descrição arquivística que resulta de um projecto liderado pelo historiador José Mattoso e apoiado pela Fundação Gulbenkian.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 112.ABRIL.2010 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa,

tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27 | info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | **CAPA** Elenco e equipa técnica da Ópera O Sonho © Mária Lessa |

IMPRESSÃO Euroscanner | **TIRAGEM** 10 000 exemplares

Próximo Futuro / Next Future

12

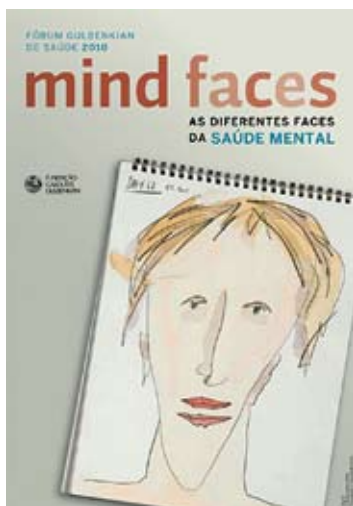
A gestão das organizações sociais e culturais

Antes da programação artística que vai animar o Verão na Fundação Gulbenkian, o Programa Próximo Futuro realiza o 3º *workshop* de investigação teórica dedicado à Gestão das Organizações Culturais e Sociais, com a participação de vários centros portugueses de investigação, bem como de quatro convidados estrangeiros. No dia 22, o Auditório 3 estará aberto à participação de todos os que quiserem discutir e reinventar os modelos de gestão cultural e social.

14

A Arte e a Saúde Mental

É uma das componentes do Fórum Gulbenkian de Saúde 2010 dedicado à Saúde Mental – mostrar outras vertentes e abordagens no tema, cruzando a arte e as perturbações mentais. No próximo colóquio do Fórum, a 28 de Abril, o dia terminará com a primeira das duas conferências agendadas sobre **Angústia, Histeria e Perversão na História da Ópera**, em que as heroínas operáticas serão mostradas nas suas várias vertentes psicológicas.



26

Pavão e Troféus de Caça

É uma das obras presentes na exposição temporária sobre pintura de natureza-morta, apresentada pelo Museu Calouste Gulbenkian na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação. Da autoria de Jan Weenix, o quadro é um dos muitos que o pintor assinou com cenas de caça, numa clara alusão a um dos divertimentos mais comuns entre a nobreza da época. Este e outros grandes exemplos da mestria dos pintores dos séculos XVII e XVIII podem ser vistos na Fundação Gulbenkian até 2 de Maio.



índice

em relevo

4 **O Sonho**
Ópera de Pedro Amaral

a seguir

- 8 **Rajendra Pachauri em Lisboa**
- 9 **Arquivos do Ministério do Ultramar em site único**
- 10 **Ruínas da Ammaia**
Prémio Vilalva 2009
- 11 **IGC entre os 10 melhores lugares para trabalhar**
- 12 **Novo ciclo de conferências:**
A Matemática e os seus Encantos
- 12 **Próximo Futuro: Gestão das Organizações Culturais e Sociais**
- 14 **Angústia, histeria e perversão na História da Ópera**

16 **Exposições**

18 **Catálogos da Biblioteca de Arte**

19 **breves**

22 **novas edições**

23 **projectos apoiados**

bolsheiros gulbenkian

24 **João Leonardo**

uma obra

26 **Pavão e Troféus de Caça**

28 **update**

29 **agenda**

Salomé!

- E eu pensei que se eu combino isto com estas vozes talvez o futuro tivesse pena de mim. Amariam a minha memória todos os homens.

em relevo

Ópera de Pedro Amaral recria drama inacabado de Fernando Pessoa

Estreia mundial em Londres no dia 25 de Abril

Um texto dramático que Fernando Pessoa nunca chegou a concluir sobre a personagem bíblica Salomé serviu de inspiração a Pedro Amaral para compor a sua primeira ópera, *O Sonho*, cuja estreia mundial terá lugar em Londres, no The Place, no dia 25 de Abril. A estreia nacional ocorrerá no Grande Auditório da Fundação no dia **3 de Maio**. Esta obra resulta de uma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian (co-produção do Serviço de Música e da Delegação da Fundação no Reino Unido), 40 anos depois da estreia da ópera *Trilogia das Barcas*, encomendada a Joly Braga Santos e apresentada no Grande Auditório no âmbito do XIV Festival Gulbenkian de Música.

Sem título, o texto de Pessoa encerra uma muito peculiar interpretação da personagem Salomé. Pedro Amaral mergulhou nessa peça, ou melhor, no projecto dessa peça, passível de muitos fios de leituras, para, numa adaptação muito própria, a partir dos textos dactilografados e dos fragmentos manuscritos do poeta, criar uma obra original, inspirada na beleza onírica deste drama pessoano.

Seis cantores dão voz a este enredo: três sopranos e três barítonos. Salomé, interpretada por Carla Caramujo, desdobra-se nas suas duas Aias (interpretadas por Ângela Alves e Sara Braga Simões). Herodes (Jorge Vaz de Carvalho), o capitão (Mário Redondo) e o escravo (Armando Possante) são as personagens masculinas. A orquestra é composta por 15 partes instrumentais interpretadas pela London Sinfonietta.

Falámos com Pedro Amaral, entre dois ensaios, e o compositor revelou alguns aspectos importantes desta sua primeira ópera, que ele próprio dirigirá, e que será encenada por Fernanda Lapa.

QUE RAZÕES O LEVARAM A ESCOLHER ESTE TEXTO DE FERNANDO PESSOA?

Em primeiro lugar, a interpretação fascinante que Pessoa propõe do mito de Salomé. Em segundo lugar, o carácter simbolista do texto e a sua linguagem. Essa linguagem é trabalhada como um rendilhado precioso, polido em cada palavra, mas criando simultaneamente uma impressão difusa, como um halo poético que emana das vozes e das personagens. Em terceiro lugar agradou-me, paradoxalmente, o facto de se tratar de um texto inacabado. Pessoa deixou uma série de páginas dactilografadas e um *corpus* manuscrito sem qualquer ordenação. Nos anos 70, Teresa Rita Lopes recriou uma ordem e, a partir daí, todas as edições deste texto retomaram a sua versão. Fechei-me na Biblioteca Nacional a visitar os papéis deixados pelo poeta. Adoptei a ordem estabelecida nas dactilografias e incorporei diversos dos fragmentos manuscritos. Pessoa deixou-nos uma dramaturgia extremamente forte e original, mas com uma realização em aberto, passível de múltiplas ordenações. Esta liberdade perante o texto, sem nunca acrescentar uma única palavra às do poeta, pareceu-me ideal para a composição de um libreto.

PROPONHO-LHE QUE RECUEMOS ÀS ORIGENS BÍBLICAS DO MITO DE SALOMÉ.

No Novo Testamento, sobretudo no Evangelho de S. Marcos, este mito surge num episódio lateral e, dentro do próprio episódio, Salomé é uma personagem secundária. A personagem verdadeiramente central é Herodiade, mãe de Salomé, cujo casamento em segundas núpcias com Herodes, irmão do seu primeiro marido, assumiu, na época, contornos escandalosos. Nos desertos, João Baptista clamava com

veemência contra Herodiade, apelidando-a de “prostituta da Babilónia”, entre outros mimos. Herodes mandou prendê-lo, mas não queria matá-lo, temendo aquela aura de santidade. Há, porém, um momento em que Salomé, sua enteada, faz uma dança durante um banquete e o tetrarca fica de tal modo fascinado que lhe oferece imprudentemente, em público, tudo o que ela desejar, até metade do seu reino. Segundo Marcos, Salomé, uma adolescente sem vontade própria, não sabendo o que pedir, consulta a mãe, que, imediatamente, lhe ordena que peça a cabeça de João Baptista. Porquê a cabeça? Podemos admitir que o golpe desferido tinha como alvo a garganta por onde passava a voz que contra ela clamava...

NÃO É PROPRIAMENTE A SALOMÉ QUE A LITERATURA E A ÓPERA IMORTALIZARAM...

De facto, não é. Na segunda metade do século XIX surgem diversas reinterpretações do mito de Salomé. Uma das primeiras é a de Flaubert, no segundo dos *Três Contos*, escritos na década de 1870; é esta que dá origem à ópera *Hérodiade*, de Massenet. Dez anos mais tarde, Eça de Queiroz dedica-lhe também umas páginas em *A Relíquia*, quando Teodorico Raposo é enviado à Terra Santa. Julgo que esta passagem terá, aliás, influenciado o texto de Fernando Pessoa, directa ou indirectamente: há elementos concretos no texto de Pessoa que, ou vieram directamente de Eça, ou de uma variante intermédia que surge na *Salomé* de Eugénio de Castro, escrita já nos últimos anos do século. Nas suas *Páginas de Estética e Crítica Literária*, Pessoa revela um certo desprezo por esse poema, que, de facto, tem imagens magníficas veiculadas por uma linguagem pouco uniforme; mas estou convencido de que Pessoa se inspirou em alguns dos seus elementos, que, por sua vez, retomam outros de Eça. Há ainda a belíssima *Hérodiade* de Mallarmé, na qual o poeta trabalhou ao longo de toda a sua vida; e há, claro, a mais conhecida versão de Oscar Wilde, escrita na última década do século XIX. Tanto Wilde como depois Richard Strauss, na sua ópera, colocam Salomé como personagem central, conferem-lhe uma enorme carga erótica, que faz tremer de desejo o padrasto e ela, por sua vez, treme de desejo por aquele homem que clama contra a sua mãe e cuja cabeça acaba por pedir, para a beijar e possuir. Não me parece um acaso que Strauss tenha estreado a sua *Salomé* no mesmo ano em que Freud publicou os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*: é uma coincidência historicamente relevante, entre a arte e a psicologia, na abordagem de temas comuns.

E COMO É QUE FERNANDO PESSOA RETOMA ESTE MITO?

A forma como Pessoa recria o mito é única e originalíssima. Note-se que, tal como o próprio Pessoa, Salomé é alguém que vive essencialmente em pensamento. Salomé e Pessoa são ambos, à imagem de João Baptista, cabeças separadas



Pedro Amaral © Márcia Lessa

do corpo. Salomé sonha santos que sonham deuses; Pessoa sonha poetas que escrevem e publicam. De facto, Pessoa construiu Salomé à sua imagem. Na sua versão do mito, João Baptista não existe antes de Salomé o sonhar. A princesa chama as Aias para sonhar com elas: “Se uns vivem juntos, porque não sonharão juntos outros? Há alguma diferença entre o sonho e a vida?” Sonham então um santo chamado João, que, por sua vez, sonha um deus. No momento em que terminam o sonho, ouve-se um grito na noite: trouxeram ao tetrarca a cabeça de um bandido. Eufórica, Salomé vê aquela cabeça como uma materialização possível da cabeça do santo que sonhou. E, de facto, assim acontece: a cabeça de um bandido torna-se, pela alquimia do sonho de Salomé, a cabeça de um santo que sonha um deus. Como vê, Pessoa coloca-nos no interior de um intrincado labirinto de sonhos.

EM QUE SENTIDO?

No sentido em que o poeta (Pessoa) sonha uma personagem (Salomé), que sonha outra (João Baptista), que sonha outra (um deus). E repare que Salomé sonha as suas personagens um pouco como Pessoa sonha os seus heterónimos, desejando-lhes vida própria. Procurei levar a ideia mais longe, partindo do princípio de que, nesta peça, todas as personagens podem ser vistas como criações de Salomé.

E POR ISSO RESOLVEU DESDOBRAR SALOMÉ NAS SUAS DUAS AIAS?

Exactamente. Aliás, usei precisamente essa palavra, como subtítulo, na respectiva parte da ópera: “Desdobramento”. Fi-lo à maneira do próprio Pessoa, mas não levei o mecanismo tão longe como o poeta, no sentido em que não dotei cada uma



Carla Caramujo © Márcia Lessa

das projecções de Salomé de uma personalidade própria. Pelo contrário, quis que, a partir do momento em que Salomé se desdobra, ela e as suas Aias se confundam completamente. Aliás, de entre as três, a cantora que assume o papel de Salomé no fim da ópera não é a mesma que o canta no início. Em palco, a “voz” de Salomé é distribuída pelas três sopranos, que estão vestidas da mesma forma, em camisa de noite, como sonhadoras noctívagas.

É AS TRÊS, EM CONJUNTO, IRÃO TECER O SONHO.

As três, sim. No momento em que o vão iniciar, Salomé diz: “Esperai que quero ver”; é então que começa o fio de voz, que passa entre Salomé e as suas Aias, e em que dizem: “Havia no deserto [...] um homem que queria um deus.” A questão é: estarão elas a ver ou a sonhar? Há um outro texto de Pessoa, *O Marinheiro*, em que as três personagens femininas transformam a realidade através do sonho. A ambiguidade destes trios femininos remete inevitavelmente para as três feiticeiras de *Macbeth*, de Shakespeare, ou para as três Nornas de *Götterdämmerung* [*O Crepúsculo dos Deuses*], de Richard Wagner: não sabemos exactamente se lêem o fio do destino ou se o tecem. Não sabemos se são uma espécie de oráculo ou se transformam, de facto, a realidade. Penso que Pessoa coloca estas três personagens femininas (Salomé e as duas Aias) nessa filiação. No final, quando o pai de Salomé a faz constatar que a realidade se transformou, que aquela cabeça se tornou efectivamente a cabeça de um santo, a princesa, perplexa, dirá no seu último monólogo: “Ah talvez o sonho não crie mas veja” – comungando da mesma ambiguidade das feiticeiras ou das Nornas.

COMO CONVERTEU ESTE UNIVERSO ONÍRICO E ESTA AMBIGUIDADE EM MÚSICA?

Parti da ideia de que tudo tem origem em Salomé. Musicalmente, Salomé é caracterizada por um núcleo de intervalos

harmónicos que irá formar a base de toda a génese da composição. A música de todas as personagens provém dessa fonte original, dessa sonhadora omnipresente e omnipotente, assumindo as formas mais diversas consoante as personagens e as situações. Por exemplo, na cena em que as três sonham, utilizei um fio de voz que passa de umas para as outras, figurando o fio do destino, que elas lêem ou tecem; na realidade, esse “fio” de voz é uma purificação, uma redução do monólogo inicial da princesa: “A minha beleza faz os homens sonâmbulos”; toda essa linha melódica vai ser transformada no fio do sonho, a linha é a mesma, embora com um carácter etéreo.

SALOMÉ É, ENTÃO, O PRINCÍPIO GERADOR DE TUDO, DA MÚSICA E DA ACÇÃO...

Sem dúvida, embora a ópera remeta para um plano anterior à própria Salomé. Decidi começar a peça com um pequeno prólogo, baseado numa frase da famosa carta que Pessoa escreveu a Casais Monteiro em Janeiro de 1935, ano da sua morte: “Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.” Esse prólogo é cantado pelo mesmo actor/cantor que irá desempenhar o papel de Herodes (nesta produção, Jorge Vaz de Carvalho). Gostaria que, nesse momento em que Pessoa diz ver, no seu sonho, os três heterónimos, surgissem em palco, como que emergindo de uma luz translúcida, os três vultos femininos: Salomé e as suas Aias. Agora repare: acompanhando essa frase com o próprio Pessoa em palco, temos uma música muito característica, perfeitamente reconhecível; essa música é muito diferente, em carácter, daquela que acompanhará, no final da peça, o pai de Salomé, Herodes. Em determinado momento, há uma frase em que uma das Aias, veiculando a voz de Salomé, se refere “aos livros grandes que o meu pai lê”. E a pergunta que faço é: quem é o pai dela? Salomé refere-se sempre a Herodes como seu pai, mas eu deixo uma ambiguidade dramaturgica, porque nesse momento irrompe a música ligada à personagem do próprio Pessoa no prólogo: implicitamente, é a Pessoa e aos seus livros grandes que Salomé e as Aias se referem nesse momento.

AO PAI METAFÓRICO, PORTANTO, AO POETA.

Exacto. Por outro lado, embora a princesa se refira sempre a Herodes como seu pai, decidi atribuir-lhe, no final, um estranho monólogo que sugere uma interpretação diferente. Na origem está um manuscrito no qual o poeta não indicou a respectiva personagem. É um monólogo peculiar que começa com a frase “Ao fundo do meu passado, Salomé dança”. Podia ser atribuído a João Baptista, é realmente a única personagem cujo passado foi indiscutivelmente modificado por Salomé: era um bandido, passou a ser um profeta. Mas João está morto, é uma cabeça sem corpo,

e não pode falar. Em que personagem teria Fernando Pessoa pensado ao escrever esse monólogo?... Ao atribuí-lo a Herodes eu pergunto, implicitamente, se também ele não será um sonho de Salomé: fora outro homem, não saberemos quem, e Salomé, sonhando, transformou o seu passado e tornou-o seu pai. Nesse monólogo, que compus a partir de vários fragmentos de monólogo não atribuídos pelo poeta a uma personagem específica, Herodes tem um laivo de consciência sobre o seu passado. Eu penso que esse momento de consciência lhe advém da cena extraordinária que ele presencia, no final do drama, e que nos recita, à maneira dos narradores simbolistas: ele vê a princesa e as suas Aias, figuras frias e terríficas nos seus sonhos de vida e morte, tornarem-se progressivamente três Graças, e confluir num erotismo insólito, ardente e maravilhoso. Um erotismo pleno, cuja breve descrição seria trivial ou até grosseira se não fosse, como é, admiravelmente escrita; com palavras explícitas, mas como que mergulhadas, miraculosamente, num halo diáfano, que as cobre com um véu de poesia, e tão admiravelmente que nos faz passar por elas sem nos apercebermos, no início, dos gestos a que se referem. Eu penso que, ao assistir a esta cena extraordinária, Herodes tem um laivo de despertar do sonho em que se tornou pai de Salomé, um laivo de memória do homem que foi, e é esse homem quem observa, extasiado, as três Graças. É assim que termina a ópera.

COMPOSIÇÃO MUSICAL E DRAMATURGIA PARECEM INEVITAVELMENTE LIGADAS NO SEU PENSAMENTO.

A dramaturgia condicionou completamente a composição. É esse o fascínio da ópera, do ponto de vista composicional: é verdadeiramente a música que estabelece a dramaturgia do texto. O compositor é o primeiro encenador da palavra. E neste caso, até, de todos os níveis da palavra, incluindo uma certa arqueologia do texto.

EM QUE SENTIDO?

Vou dar um exemplo. No final da ópera, Herodes diz que “lá fora o luar é de prata”. No manuscrito, depois da palavra prata surge uma outra, dificilmente decifrável. Jerónimo Pizarro sugeriu-me que, do ponto de vista da caligrafia, essa palavra pode ser lida como “dourada” – “lá fora o luar é de prata dourada” –, o que me parece fazer sentido: do mesmo modo que, em Wilde, a brancura da lua oferece uma imagem da salva de prata em que Salomé pedirá a cabeça de João, assim, em Pessoa, o luar de “prata dourada” ofereceria uma imagem aproximada da “salva de ouro” em que a protagonista pede que lhe tragam a cabeça do bandido. A caligrafia de Pessoa não nos dá a certeza, mas a interpretação parece-me legítima. Por isso, no momento em que Herodes alude ao “luar de prata [dourada]”, embora eu não tenha feito cantar a palavra “dourada”, coloquei nos violoncelos, que acompanham a linha vocal, a mesma música



Elenco e equipa técnica da ópera © Mária Lessa

com que a princesa e as suas Aias tinham pedido a “salva de ouro”. E do mesmo modo que a palavra do poeta é, naquele ponto, dificilmente decifrável, também a música não permite, naquele momento, uma absoluta certeza sobre a proveniência e o significado dos seus contornos: é o que é, mas é dificilmente reconhecível como tal. A dramaturgia musical tece, assim, uma interpretação não apenas da palavra escrita, mas da intenção, para sempre perdida, ou incerta, do próprio poeta.

É O FINAL DA ÓPERA?

Sim, praticamente, surge numa das últimas páginas. Um final que, aliás, se conclui com um outro detalhe dramático-musical que me parece extremamente importante. Naquilo que provavelmente seria o final do texto pessoano surge uma didascália, ao mesmo tempo estranha e muito bela, onde se evocam “guizos longínquos” como sonoridade associada ao movimento físico de Salomé (decifrei o manuscrito com a preciosa ajuda de Richard Zenith, a quem estou muito grato). Pessoa não explora a ideia, deixa-a apenas como uma alusão vaga, mas podemos perguntar-nos porquê a presença sonora dos guizos. O guizo está tradicionalmente associado ao Natal e, portanto, à vinda de Cristo, que é, justamente, o Deus sonhado por João. Teria Pessoa em mente esta associação consciente entre o guizo, enquanto expressão sonora dos movimentos físicos de Salomé, e a concretização do seu sonho na vinda do deus sonhado?... Em todo o caso, eu adoptei a didascália em sentido literal, e a figuração dos movimentos de Salomé, já sem palavras, no final da ópera, é acompanhada por sons vagos de guizos. É uma simbólica discreta e subliminar, mas extremamente importante na conclusão do drama: como se a música perfizesse o que as palavras deixam em aberto, comprovasse a realidade física e temporalmente modificada por Salomé e o poder criador... do sonho. ■



a seguir

Programa Gulbenkian Ambiente

Rajendra Pachauri em Lisboa

O mundo ficou a conhecê-lo há três anos quando, em representação do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC), da ONU, foi receber o Nobel da Paz, dividido nesse ano com Al Gore, tendo sido assinalada a sua acção pelo ambiente e a sua dedicação às alterações climáticas. De então para cá, Rajendra Kumar Pachauri tem sido objecto de notícias frequentes relacionadas com a sua posição à frente do IPCC, e com a polémica suscitada pela publicação recente de uma obra literária pouco ortodoxa. A convite do Programa Gulbenkian Ambiente, Rajendra Pachauri vai estar no Auditório 2 da **Fundação Gulbenkian, às 18h de 27 de Abril**, para proferir a **conferência Alterações climáticas: o grande desafio ao nosso futuro comum**.

À beira de completar 70 anos, este indiano filho de educadores nasceu em Nainital, um lugar paradisíaco conhecido como “a zona dos lagos” da Índia, com uma vista deslumbrante para os Himalaias. Seguiu carreira académica em Engenharia Industrial e Economia, repartindo o seu tempo entre os Estados Unidos da América e a Índia, onde acabou definitivamente por se estabelecer a partir do início dos anos 80, assumindo a direcção do Instituto dos Recursos e da Energia (TERI), com sede em Nova Deli, cargo que mantém até hoje. De um aglomerado de projectos de pequena escala, sob a direcção de Pachauri, o TERI tornou-se um dos centros de investigação mais prestigiados a nível mundial. A sua experiência na Índia – onde também foi conselheiro

do governo – e no estrangeiro, bem como os seus vastos conhecimentos na área ambiental, em particular na gestão sustentável dos recursos naturais, levaram Pachauri a colaborar, já na década de 90, com o Banco Mundial e com o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. O início do seu envolvimento com o IPCC remonta a 1991: foi o principal autor do segundo relatório do IPCC, que lançaria em grande parte as bases para o Protocolo de Quioto, em 1997. Criado em 1988, no âmbito das Nações Unidas, o IPCC é constituído sobretudo por uma rede de milhares de cientistas, representando todos os continentes, com o objectivo de reunir, avaliar e compilar informação sobre a maior ameaça que o nosso planeta enfrenta desde o advento da industrialização. Pachauri foi eleito seu presidente em 2002, substituindo Robert Watson.

Foi durante o mandato de Pachauri que o IPCC produziu o seu documento mais polémico e influente, o Quarto Relatório de Avaliação, que reforçava o alerta para as consequências da actividade humana no aquecimento global e que teve um profundo impacto junto da comunicação social, em 2007. No mesmo ano, aquele organismo das Nações Unidas recebeu o Nobel da Paz, juntamente com Al Gore, pelo seu trabalho em defesa do ambiente. Em 2008, Pachauri foi reeleito para um segundo mandato à frente do IPCC, cargo que concilia com a escrita de artigos científicos, conferências pelo mundo inteiro e a sua actividade recreativa favorita: o críquete. ■

COLÓNIA	ANGOLA
SECÇÃO	C/3/4
CAIXA-FICHEIRO	



Companhia dos Diamantes de Angola - 2.ª Missão de Recolha de Foliore Musical.

Arquivos do Ultramar em *site* único

O Arquivo do extinto Ministério do Ultramar, que se encontra disperso por vários organismos do Estado, foi objecto de uma rigorosa inventariação e tratamento estando agora reunido e disponível para consulta pública num único *site* com o endereço:

<http://arquivos.ministerioultramar.holos.pt>

A documentação, produzida entre 1930 e 1974 no quadro das actividades do então Ministério do Ultramar, passou a estar contida numa base de dados de descrição arquivística, sendo agora possível aos investigadores, e ao público em geral, identificar, localizar e relacionar toda esta informação.

Este projecto, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, foi criado em 2006 sob proposta de José Mattoso, com o objectivo de resgatar a memória histórica da presença portuguesa no Ultramar, passado o período, segundo o historiador, em que a sua consulta poderia agravar óbvias tensões.

As bases de colaboração para o desenvolvimento deste projecto ficaram estabelecidas num protocolo assinado entre a Fundação e os Ministérios dos Negócios Estrangeiros (MNE), Finanças, Cultura e com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES). Em Março de 2008 concluiu-se a primeira fase do Projecto, que consistiu na inventariação e tratamento da documentação existente no Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento e Arquivo



PROVÍNCIA de CABO VERDE Secção HI 31 N.º 22917

S. Tiago - Ruínas da Cidade Velha

Histórico Diplomático, instituições dependentes do MNE, Direcção-Geral do Tesouro e Direcção-Geral da Administração Pública. Falta apenas a inventariação e o tratamento da documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, hoje integrado no Instituto de Investigação Científica Tropical, tutelado pelo MCTES.

A Fundação cedeu esta base de dados ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de modo a assegurar a preservação digital e o eficaz acesso da comunidade científica e do público em geral à informação. ■



Ruínas da Ammaia

Prémio Vilalva 2009

O projecto **Recuperação e Valorização das Ruínas Romanas da Cidade de Ammaia, um Monumento Nacional Esquecido**, promovido pela Fundação Cidade de Ammaia, foi o vencedor do **Prémio Vasco Vilalva para a Recuperação e Valorização do Património**. Das nove candidaturas apresentadas, o júri premiou este projecto por unanimidade, destacando “a grande relevância histórica, patrimonial e técnico-científica do projecto de recuperação e valorização de um sítio arqueológico ímpar no panorama nacional”.

A Cidade Romana de Ammaia terá sido fundada em finais do século I a.C. e terá sobrevivido enquanto unidade urbana durante seis séculos. Situadas a curta distância da vila de Marvão, estas ruínas formam um dos exemplares mais significativos da civilização romana no Norte Alentejano. Com o intuito de as salvaguardar, foi constituída legalmente em 1997 a Fundação Cidade de Ammaia, proprietária dos terrenos onde se localiza grande parte da área que as ruínas ocupam. A coordenação científica dos trabalhos arqueológicos tem estado desde então a cargo da Universidade de Évora e, em resultado dessa intervenção, é hoje possível observar nas ruínas de Ammaia um importante conjunto monumental que inclui o Fórum, principal centro da vida política, económica, social e religiosa da região, bem como um complexo termal com diversas estruturas associadas. No sítio arqueológico foi instituído o Museu Monográfico da Cidade de Ammaia, que apresenta duas exposições com materiais recolhidos ao longo do tempo na cidade. Paralelamente aos trabalhos de escavação e de musealização, a Fundação procedeu também, com o apoio do Museu Nacional de Arqueologia, à implantação de um Laboratório



Emílio Rui Vilar, Carlos Melancia, Vice-Reitor da Universidade de Évora, Governador Civil de Portalegre e Director do IGESPAR.

de Conservação e Restauro, equipado com a mais recente tecnologia e que faz com que esta estrutura seja uma das mais bem fornecidas actualmente no nosso país. Este laboratório permitirá efectuar a conservação de praticamente todos os achados da Ammaia e estar aberto a outras entidades, mesmo para o desenvolvimento de trabalhos ligados à formação.

A Fundação Cidade de Ammaia tem tido uma intervenção sobretudo de âmbito local e regional, mas também a nível nacional e internacional, através do estabelecimento de diversas parcerias com instituições públicas e de ensino. No futuro, a Fundação pretende ainda implementar uma rede ligada ao património arqueológico, demonstrando o papel que a cidade de Ammaia teve na época romana e permitindo estabelecer uma visão territorial que abarca grande parte do território do Norte Alentejano.

O Prémio Vasco Vilalva, no valor de 50 mil euros, atribuído anualmente pela Fundação Calouste Gulbenkian para distinguir acções meritórias na área da defesa do património, foi entregue no dia 9 de Março, no Auditório do Parque Natural da Serra de São Mamede – Quinta dos Olhos d'Água, em Marvão. Na ocasião, foram apresentados os projectos da Fundação Cidade de Ammaia que estão em curso, na presença da Condessa de Vilalva, do presidente do Conselho de Curadores da Fundação Cidade de Ammaia, Carlos Melancia, do presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Emílio Rui Vilar, e da administradora Teresa Gouveia. ■



Instituto Gulbenkian de Ciência entre os 10 melhores lugares para trabalhar

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) é a única instituição portuguesa entre as 10 melhores de 2010, de acordo com o inquérito anual da revista de Ciências da Vida *The Scientist*. O IGC ocupa a oitava posição entre instituições internacionais, fora dos Estados Unidos, para pós-doutorandos.

O ranking de “Best Places to Work for Postdocs Survey” é determinado pelos próprios investigadores, ligados a instituições de investigação em todo o Mundo. De acordo com a revista *The Scientist* “os nomeados deste ano representam um leque de instituições visionárias que estão abertas à mudança para poder corresponder aos valores e às necessidades dos pós-doutorandos”.

O director do IGC, António Coutinho, sublinha que “este prémio é o reconhecimento do sucesso da missão do IGC em receber e apoiar futuros líderes científicos, desde estudantes de doutoramento, a pós-doutorandos, investigadores, num clima de cooperação e confiança, promovendo a autonomia intelectual e a responsabilidade institucional, na procura de ciência de excelência”.

As dez instituições internacionais referidas são, por ordem de nomeação: Novartis Institutes for Biomedical Research, Horsham (Reino Unido); University College London (Reino Unido); University of Dundee (Reino Unido); Umea University (Suécia); Novartis Institutes for Biomedical Research, Basileia (Suíça); Biozentrum Basileia (Suíça); University of

Cambridge (Reino Unido); **Instituto Gulbenkian de Ciência, Oeiras, (Portugal)**; Karolinska Institute, Estocolmo (Suécia) e University of Toronto (Canadá).

O IGC tem 72 pós-doutorandos, que trabalham em 43 grupos de investigação, com as nacionalidades alemã, americana, argentina, australiana, brasileira, britânica, eslovaca, espanhola, holandesa, húngara, israelita, italiana, japonesa, luxemburguesa, malaia, polaca, portuguesa, russa, são tomense e sueca. ■



Novo ciclo de conferências

A Matemática e os seus encantos

Este mês arranca o novo ciclo de conferências *A Matemática e os Seus Encantos*, organizado pelo Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian. A primeira conferência, no **dia 21**, intitula-se “A beleza matemática das conchas marítimas” e será proferida por Jorge Picado, do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. “Há uma grande beleza nas pistas que a natureza nos oferece e todos nós as podemos reconhecer sem nenhum treino matemático”, diz o investigador, para quem as leis matemáticas que descrevem o crescimento das conchas e dos búzios são “admiravelmente simples”. Essa é a razão para que a concha de qualquer molusco pequeno seja um modelo exacto, à escala, da concha de um molusco maior da mesma espécie. Com a sua forma auto-semelhante, as conchas podem ser representadas por superfícies tridimensionais, geradas por uma fórmula relativamente simples, que requer apenas matemática elementar. “Maravilhosamente”, afirma Jorge Picado, “apesar da simplicidade dessa equação, é possível descrever e gerar uma grande variedade de tipos diferentes de conchas”, como se verá na sua palestra, às 18h, no Auditório 2.

A **19 de Maio** segue-se a conferência “Ultra-Secreto! A Matemática nas Comunicações Confidenciais”, por António Oliveira



Machiavelo, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, e a **23 de Junho**, Ana Cannas da Silva, do Instituto Superior Técnico, estará na Fundação Gulbenkian para falar sobre “Simetria Passo a Passo”, tema da conferência que encerra este ciclo, de entrada livre.

Foi em 2000 que a Fundação Gulbenkian, ao associar-se às celebrações do Ano Internacional da Matemática, instituiu o Programa **Novos Talentos em Matemática**, com o objectivo de estimular nos jovens o gosto, a capacidade e a vocação de pensar e investigar em Matemática. Uma década passada sobre esse momento, o ciclo *A Matemática e os seus encantos* surge agora como preparação da grande conferência que em Julho deste ano irá assinalar uma década de novos talentos em Matemática. ■

Próximo Futuro

Gestão das Organizações Culturais e Sociais

No **dia 22**, realiza-se o 3º *workshop* de investigação teórica do Programa Gulbenkian Próximo Futuro, que será dedicado à Gestão das Organizações Culturais e Sociais, com a participação de vários centros portugueses de investigação, bem como de quatro convidados internacionais: Ana Carla Fonseca (Brasil), especialista em Economia da Cultura; Cesar Piva (Brasil), gestor cultural; Barthélémy Toguou (Camarões), artista visual; e Fátima Anllo Vento (Espanha), especialista em Gestão Cultural. Todas as sessões

serão abertas ao público, das 9h30 às 17h30, no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian.

O tema deste *workshop* foi lançado tendo em mente que os problemas da gestão das organizações culturais e das organizações sociais estão próximos em muitos países da América Latina e de África, existindo inúmeras situações e casos de estudo onde a fusão entre os dois tipos de gestão é total. No decorrer do *workshop* pretende-se analisar este tipo de situações, questionando os modelos operativos mais

eficazes e apresentando exemplos de boa gestão. Pretende-se também discutir quais as teorias sobre governação e gestão democrática de recursos e meios que poderão hoje ser enunciadas.

A comunicação de **Ana Carla Fonseca** falará de *Organizações Sociais da Cultura em São Paulo – Êxitos e Alertas*. Perante a insustentabilidade de um modelo de gestão pública no Brasil com “exigências burocráticas descabidas, processos e prazos de extensão desmedida, transparência que muito deixa a desejar”, a conferencista e directora da Garimpo de Soluções (empresa de consultoria com uma actuação transdisciplinar na área de economia, cultura & desenvolvimento) irá explicar como “a administração pública da cultura burilou um outro modelo de gestão: o das organizações sociais”. Formada em Administração Pública e Economia, depois de trabalhar em agências de comunicação no Brasil e em projectos de marketing e comunicação para multinacionais, Ana Carla Fonseca acabou por especializar-se em Economia da Cultura. É autora dos livros *Marketing Cultural e Financiamento da Cultura* (Thomson, 2002) e *Economia da Cultura e Desenvolvimento Sustentável* (Manole, 2006), entre outros. Consultora especial da ONU em Economia Criativa e membro do painel curador da conferência Creative Clusters do Reino Unido, é conferencista internacional em marketing cultural, economia da cultura, economia criativa e cultura & desenvolvimento.

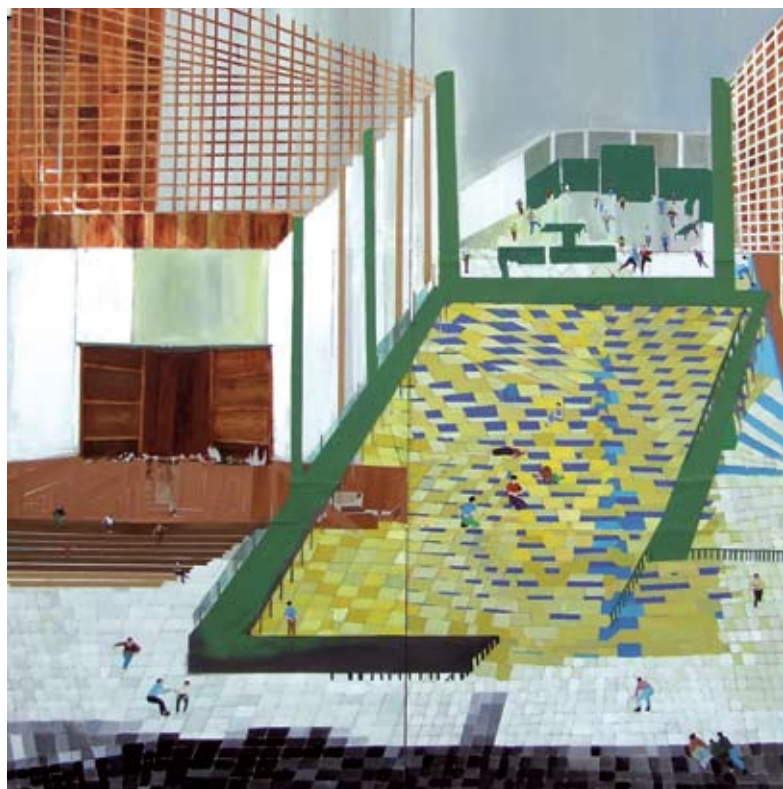
Cesar Piva, por sua vez, virá apresentar o projecto Fábrica do Futuro – Residência Criativa do Audiovisual, de que é responsável. Trata-se de uma incubadora cultural do audiovisual e novas tecnologias, criada em 2005, com sede na cidade de Cataguases, no estado de Minas Gerais, que faz parte de um amplo programa de Cultura e Desenvolvimento local. Cesar Piva trabalha no sector cultural e social desde 1987. Como gestor cultural, especializou-se no desenvolvimento de programas de investimento em cultura, leis de incentivo e responsabilidade social de empresas.

Barthélémy Toguo é um dos artistas contemporâneos mais reconhecidos internacionalmente e irá apresentar neste *workshop* casos de estudo de projectos que está a desenvolver em África. *Bandjoun Station* é um desses projectos com fins não lucrativos, um centro de artes que promove as vertentes pedagógica, cultural, agrícola, médica e formativa e que Toguo descreve como sendo “de inspiração pessoal em termos conceptuais, de construção, de produção e implementação”. O projecto inclui uma residência para artistas e investigadores de todo o mundo. Barthélémy Toguo nasceu em M'Balmayo, Camarões, em 1967, estudou na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Abidjan, Costa do Marfim, na École Supérieure d'Art de Grenoble, França, e na Kunstakademie Düsseldorf, Alemanha. Vive e trabalha entre Bandjoun (Camarões), Nova Iorque e Paris.

A comunicação de **Fátima Anllo Vento** tem como título: *Gestão virtuosa para um futuro nebuloso* e propõe “uma

gestão que faça da cultura e das artes ferramentas para bem viver, catalisadores de um desenvolvimento humano virtuoso em que indivíduos e comunidades nascem e crescem”. Fátima Anllo Vento é investigadora e consultora independente no âmbito da Gestão Cultural e professora de Políticas Culturais na Universidad Complutense de Madrid. Trabalhou em diversas instituições culturais de Nova Iorque e, em 1999, assumiu a direcção da empresa espanhola e norte-americana que produz e distribui o Canal História em Espanha e Portugal.

O Programa Gulbenkian Próximo Futuro é coordenado por António Pinto Ribeiro, professor universitário e programador artístico, que este ano foi o convidado de honra na abertura da Conferência Magna: Cultura, Diversidade, Cidadania e Desenvolvimento, realizada em Brasília a 12 de



Ignacio Gumucio, *Entrada en la ciudad*. Cortesia do artista

Março. Perante um auditório que representava a grande diversidade cultural brasileira, com mais de duas mil pessoas vindas de todos os cantos do Brasil, António Pinto Ribeiro defendeu: “Vivemos num tempo em que é preciso rever tudo. Um ministério cultural não pode ser só um ministério das artes, mas também da cidadania.”

Próximo Futuro é um Programa Gulbenkian de cultura contemporânea dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e criação na Europa, na América Latina e Caraíbas e em África. (<http://www.gulbenkian.pt/proximofuturo>) ■

Angústia, Histeria e Perversão na História da Ópera



Elektra
Ilustração de André Carrilho

As perturbações mentais e os grandes estados alterados da psique sempre inspiraram os artistas ao longo dos tempos, estando na origem de um grande número de obras-primas da literatura, das artes plásticas, da música e, mais recentemente, do cinema. O Fórum Gulbenkian de Saúde, este ano dedicado à saúde mental, resolveu, por isso, cruzar os colóquios científicos com várias expressões artísticas, como exposições, *performances*, conferências sobre ópera, documentários e um ciclo de cinema. As Newsletters anteriores deram já conta do arranque, a 25 de Fevereiro, do Fórum que, para além das várias sessões científicas, ficou marcado por uma exposição de desenhos de Bobby Baker, uma artista a quem foi diagnosticada uma grave perturbação da personalidade e que usou um diário de desenhos para comunicar os seus pensamentos e emoções durante as complexas fases da doença, ajudando-a a vivê-las e a ultrapassá-las.

É nesta perspectiva interdisciplinar, potenciadora de uma visão mais ampla e rica sobre estas questões, que Rui Vieira Nery, director do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura – Descobrir, vai encerrar, no dia 28 de Abril, o segundo colóquio deste ciclo dedicado à prevalência e impacto dos problemas de saúde mental na sociedade actual. Ao longo desse dia, especialistas como Dan Chisholm, Benedetto Saraceno, Julian Leff e Daniel Sampaio vão aprofundar questões relacionadas com estas doenças e que estão na ordem do dia, como a incapacidade e produtividade laboral, a sobrecarga familiar, as repercussões económicas e a exclusão social.

A abordagem de Rui Vieira Nery, “focada numa ordem estética e não clínica”, como ele faz questão de referir, dá início ao ciclo de duas conferências sobre **Angústia, Histeria e Perversão na História de Ópera**, uma das iniciativas que integram este Fórum. A primeira conferência é dedicada ao universo operático feminino e a segunda ao masculino, e em ambas será exposta “a extraordinária colecção de casos clínicos e patológicos oferecidos pela história da ópera”, que o conferencista considera “um verdadeiro *case study* para introduzir a questão da alienação e da insanidade mental, bem como dos contextos sociais que as favorecem”. Na verdade, recorda, “não há registos interessantes de óperas que abordem pessoas normais e famílias bem comportadas. Os poucos exemplos conhecidos são realmente tão enfadonhos que já ninguém se lembra deles”. É que, por definição, prossegue, “a ópera vive do desequilíbrio psicológico

extremo ou do intenso conflito emocional das personagens, dominadas por medo, ciúme, ódio, pavor ou inquietação. E vão buscar toda a sua riqueza precisamente aos seus estados psicológicos tipicamente alterados”.

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

É o título da primeira conferência dedicada às personagens femininas, onde serão apresentados alguns exemplos retirados do imenso catálogo oferecido pela história da ópera e que é “dominado por mulheres desequilibradas e a quem o preconceito do imaginário romântico atribuía uma psique frágil, vulnerável, sujeita a alterações, ao contrário dos homens, que teriam uma superior solidez psicológica”. A segunda conferência, intitulada **Heróis e vilões em estados alterados**, a 14 de Outubro, irá certamente desmentir esta visão deformada pela lente do romantismo. Em qualquer dos casos, seja na esfera feminina ou masculina, Rui Nery sublinha que “os libretos das óperas e a sua consequente expressão musical focam-se bastante neste escavar do desequilíbrio psicológico e da insanidade”.

Na conferência inaugural, Rui Nery abordará algumas personagens paradigmáticas do desequilíbrio feminino na história da ópera, seleccionadas de uma galeria interminável. Em foco vão estar desde o retrato assumido de desespero de Dido, da ópera **Dido e Eneias**, de Purcell, aos símbolos de uma histeria assassina da Rainha da Noite de **A Flauta Mágica**, de Mozart, passando pelos casos de fragilidade emocional que acabam em desequilíbrio absoluto, de que a personagem principal da ópera **Lucia de Lamermoor**, de Donizetti, é um dos mais expressivos exemplos. São inúmeras as cenas de loucura na ópera romântica italiana que dão conta de uma psique feminina que não resiste à pressão dos acontecimentos. Serão ainda tidos em conta casos de obsessão sexual mais ou menos descontrolada como nas óperas **Salomé** ou **Elektra**, de Richard Strauss, ou de uma extraordinária frieza patológica como em **Lulu**, de Alban Berg.

HERÓIS E VILÕES EM ESTADOS ALTERADOS

Os “heróis e vilões” do universo operático serão também observados nas suas várias situações psicológicas extremas e nas suas diferentes expressões de insanidade, inseridas em contextos que optimizam ou agravam uma pulsão que lhes é própria, seja ela heróica ou destrutiva (ou auto-destrutiva). Para tal, Rui Nery falará das personagens que são a encarnação do vício, do mal, da perversão, através de exemplos “que vão desde a versão moderada da ‘Ária da Calúnia’ do **Barbeiro de Sevilha**, de Rossini, até à verdadeira personificação do mal que se multiplica nos inúmeros vilões obcecados da ópera, sobretudo italiana, como Iago (**Otelo**, de Verdi), Scarpia (**Tosca**, de Puccini) ou **Macbeth** (Verdi), este último transtornado por uma enorme sede de poder

aliada a uma enorme fraqueza de carácter”. Entre outros exemplos, Rui Nery abordará igualmente um tipo de personagens que representa a essência de uma cegueira suicida, através dos confrontos, por exemplo, entre o amor e o dever (como Radamés, de **Aida**, de Verdi), bem como os protagonistas desequilibrados pela rejeição social na comunidade em que se inserem (como **Peter Grimes**, de Britten).

Rui Vieira Nery considera fundamental existirem cada vez mais projectos interdisciplinares desta natureza e acrescenta: “A multiplicidade de valências da Fundação, que actua em várias áreas, propicia cada vez mais estes olhares transversais. A Fundação não é uma federação de disciplinas separadas e esta iniciativa é um exemplo do que a Fundação pode e deve ser.” ■

Fórum Gulbenkian de Saúde 2010 As Diferentes Faces da Saúde Mental

28 DE ABRIL | AUDITÓRIO 2

9H45 PAINEL I

SAÚDE MENTAL, ECONOMIA E MUDANÇA SOCIAL

CONFERÊNCIA: **Dan Chisholm**, Department of Health Systems Financing, World Health Organization, Genebra
COMENTÁRIO: **Pedro Pita Barros**, Faculdade de Economia, UNL
João Pereira, Escola Nacional de Saúde Pública
MODERADOR: **Jaime Reis**

11H30 PAINEL II

SAÚDE MENTAL, INCAPACIDADE E QUALIDADE DE VIDA

CONFERÊNCIA: **Benedetto Saraceno**, Department of Mental Health and Substance Abuse, World Health Organization, Genebra
COMENTÁRIO: **Margarida Cordo**, Serviços de Reabilitação Psicossocial, Casa de Saúde do Telhal
Orlando Silva, Rede Nacional de Pessoas com Experiência de Doença Mental
MODERADOR: **Laborinho Lúcio**

14H30 PAINEL III

SAÚDE MENTAL E FAMÍLIAS

CONFERÊNCIAS: **Julian Leff**, Institute of Psychiatry, King's College London
Daniel Sampaio, Faculdade de Medicina, UL
COMENTÁRIO: **Manuel Gonçalves Pereira**, Faculdade de Ciências Médicas, UNL
Fernando Loureiro, Associação de Familiares e Amigos de Pessoas com Doença Mental
MODERADOR: **António Coimbra de Matos**

16H30 CONFERÊNCIA

ANGÚSTIA, HISTERIA E PERVERSÃO NA HISTÓRIA DA ÓPERA

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

Rui Vieira Nery

Exposições



Jane e Louise Wilson
Tempo Suspenso
Até 18 de Abril

© Paulo Costa

**Abstracção
e Figura
Humana**
na Colecção de Arte
Britânica do CAM
Até 18 de Abril



© Paulo Costa

A Perspectiva das Coisas A Natureza-Morta na Europa Séculos XVII-XVIII

Até 2 de Maio

[quintas-feiras: horário prolongado até às 21h]

© Carlos Azevedo

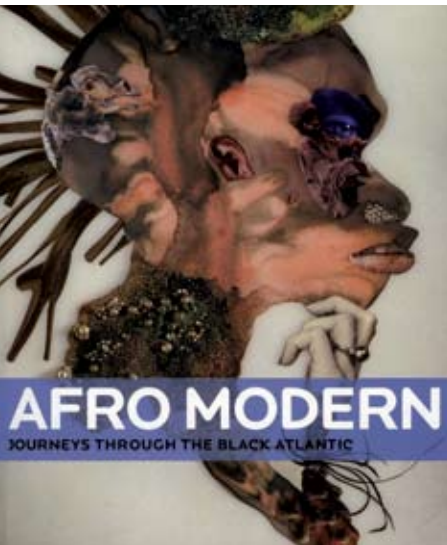
O Fio Condutor Desenhos da Colecção do CAM

Até 11 de Abril

© Paulo Costa

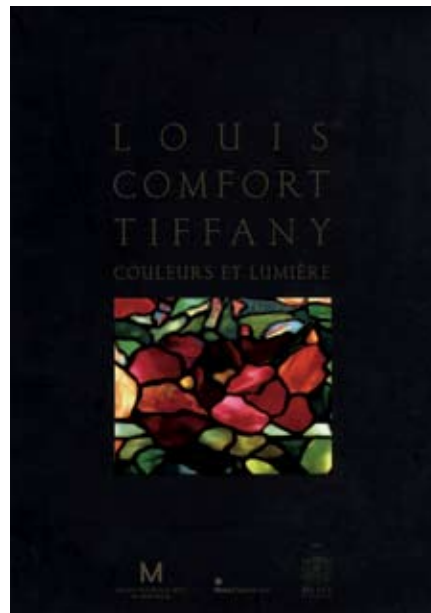
Catálogos da Biblioteca de Arte

Afro Modern: Journeys through the Black Atlantic



A obra *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* (1993), de Paul Gilroy, foi a inspiração para a exposição *Afro Modern: Journeys through the Black Atlantic*, que pode ser visitada na Tate Liverpool até ao dia 25 de Abril. Esta exposição insere-se numa linha de programação daquela instituição que procura abordar e mostrar a diversidade cultural e artística do mundo globalizado, nomeadamente, a história e as questões relacionadas

com a identidade cultural dos povos africanos, as suas migrações e o legado do comércio de escravos realizado entre os continentes banhados pelo Atlântico. Esta exposição explora o impacto que as diversas culturas africanas desenvolvidas nesse espaço geográfico tiveram na produção artística contemporânea, desde as vanguardas do início do século XX até à primeira década do novo milénio. Em sete secções cronológicas são apresentados mais de 140 trabalhos – pintura, escultura, fotografia, instalação e vídeo – de cerca de 60 artistas de gerações e origens geográficas distintas, alguns dos quais mostrados pela primeira vez em museus do Reino Unido. O catálogo editado conta com vários ensaios e entrevistas de autores que têm reflectido e trabalhado sobre o “Atlântico negro”, como Roberto Conduru, historiador brasileiro de arte, e Manthia Diwara, historiadora de arte e realizadora de cinema do Mali, que entrevista Édouard Glissant, escritor, poeta e crítico literário, reconhecido como uma das personalidades mais influentes dos estudos sobre a cultura caribenha e a negritude. Para além da reprodução de algumas das obras expostas, este catálogo contém ainda uma cronologia, um glossário de termos relacionados com a temática em análise e uma bibliografia. ■



Louis Comfort Tiffany: couleurs et lumière

Depois de ter estado no Musée du Luxembourg, em Paris, a exposição *Louis Comfort Tiffany; couleurs et lumière* está agora, até 2 de Maio, no Musée des beaux-arts de Montréal, indo em seguida ocupar as salas do Virginia Museum of Fine Arts (de 28 de Maio a 15 de Agosto). Esta grande exposição dedicada a Louis Comfort Tiffany (1848-1933), reúne cerca de 160 obras – entre peças em vidro soprado, candeeiros, vitrais, jóias, mosaicos, desenhos, aguarelas e fotografias – que espelham a criatividade deste americano que foi um dos nomes relevantes do movimento Arte Nova e um dos pioneiros do *design* nos Estados Unidos. Filho do fundador da Casa Tiffany & Co., em Nova Iorque, Louis repartiu a sua actividade artística pela pintura, arquitectura, *design* de interiores e artes decorativas. Entre as décadas de 1870 e 1920, cativado pelas possibilidades estéticas do vidro, Louis C. Tiffany explorou na sua oficina várias técnicas, como a fusão a quente e a sobreposição de placas de vidro colorido, criando peças cuja beleza e originalidade o colocam a par de outros artistas seus contemporâneos, como René Lalique. O catálogo da exposição – o primeiro em língua francesa sobre Tiffany – é co-editado pelo Musée des beaux-arts de Montréal e pela Skira-Flammarion e reúne, sob a direcção de Rosalind Pepall, curadora das Artes Decorativas do Museu de Montréal, uma série de ensaios de especialistas internacionais sobre este período artístico, sobre a arte do vidro e sobre Louis Comfort Tiffany, uma bibliografia e a reprodução de uma selecção de peças expostas. ■

Homenagem a Michel Corboz

O maestro Michel Corboz foi homenageado pela Fundação Gulbenkian no dia 22 de Março. Emílio Rui Vilar entregou ao maestro a medalha de prata da Fundação como símbolo do reconhecimento do seu trabalho de 40 anos à frente do Coro Gulbenkian.

A entrada de Michel Corboz no universo da música está profundamente ligada ao seu fascínio pela voz e pelas obras escritas no domínio da música vocal. Aos 76 anos, Michel Corboz continua a dirigir, pelo mundo inteiro, as grandes oratórias que incluem coro, solistas e orquestra, como foi o caso da mais recente Paixão segundo São Mateus de Bach, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. ■



Orquestra em residência

A Orquestra Juvenil Gustav Mahler é a próxima formação internacional convidada e em residência na Fundação Gulbenkian, com três concertos agendados ao longo deste mês. Esta residência começa com um primeiro concerto de câmara, no dia 8, com obras de Richard Strauss, Janáček e Stravinsky. No dia 11, já com uma formação sinfónica dirigida por David Afkham, a orquestra apresenta um programa composto pelo adágio da 10ª Sinfonia de Mahler e a 13ª Sinfonia de Chostakovitch, esta última com a participação do Coro Gulbenkian. A derradeira actuação tem lugar no dia 16 de Abril, no Coliseu dos Recreios. Sob a direcção de Antonio Pappano, serão tocados dois poemas sinfónicos de Richard Strauss, Morte e Transfiguração e Uma Vida de Herói, e o Concerto para Violoncelo e Orquestra nº 1 de Chostakovitch, com o solista Han-na Chang. Fundada em 1986, por iniciativa do maestro Claudio Abbado, este agrupamento reúne jovens talentos provenientes de vários países da Europa. Muitos músicos que por ela passaram integram actualmente, alguns como solistas, destacadas orquestras de todo o mundo. ■



A Europa de António Vitorino

A 27 de Abril, o Centro Cultural Calouste Gulbenkian, em Paris, apresenta mais uma Conferência Europeia para debater a situação actual da União e os desafios que se colocam aos Estados-membros, face à crise internacional que se vive. O modelo social europeu, a demografia e a competitividade internacional são alguns dos temas que estarão presentes nesta conferência do antigo ministro português e ex-comissário europeu. António Vitorino terá como ponto de partida a interrogação “Será que o Tratado de Lisboa vai permitir à Europa falar a uma só voz?”. A apresentação do conferencista estará a cargo de Isabel Mota, administradora da Fundação Gulbenkian. Esta é a quinta edição das Conferências, que já contaram com a presença de Jorge Sampaio, Jacques Delors, Marcelo Rebelo de Sousa e Hubert Védrine. ■



Agnès Varda no ciclo Cinema & Ambiente

No dia 13, às 21h30, o ciclo Cinema & Ambiente apresenta na Cinemateca a sua 8ª sessão: **Les Glaneurs et la Glaneuse** (*Os Respigadores e a Respigadora*), da realizadora francesa Agnès Varda.

Há os que consomem e os que reciclam. A partir de um célebre quadro de Millet (*As Respigadoras*, 1857), este filme de Agnès Varda, de 2001, é um olhar sobre a persistência na sociedade contemporânea dos respigadores, aqueles que vivem da recuperação de coisas (detritos, sobras). É também um pitoresco e íntimo retrato da realizadora, que se assume ela própria, na sua função, como respigadora, tal como os que encontra e entrevista para o seu filme. Varda experimenta pela primeira vez uma pequena câmara digital, assumindo-se como uma “recuperadora” das imagens que os outros não querem ver nem fazer e, portanto, deixam para trás. Trata-se de saber aproveitar e utilizar o que os outros desprezam. Produtos, por um lado. A própria matéria fílmica, segundo Varda. A sessão será comentada por Helena Roseta. ■

Um alerta em nome dos Direitos das Pessoas com deficiência

O Consórcio Europeu de Fundações sobre Direitos Humanos e Deficiência, do qual a Fundação Gulbenkian faz parte desde 2008, irá reunir-se na Fondation de France, em Paris, a 15 e 16 de Abril.

Este Consórcio de Fundações junta várias fundações europeias e pretende alertar os governos nacionais e outros parceiros institucionais para a importância da implementação dos direitos contidos na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em vigor desde Maio de 2008. Além da Fundação Gulbenkian, fazem parte a ONCE Foundation, a The Atlantic Philantropies, a Sabanci Foundation, a Banca del Monte di Lucca Foundation, Fondation de France e a Fondazione Cassa di Risparmio di Torino.

Esta questão tem vindo a ser uma crescente preocupação da Fundação Gulbenkian, que já realizou várias iniciativas nesta área, com destaque para a conferência internacional intitulada *Os Direitos das Pessoas com Deficiência e as Boas Práticas em Intervenção Precoce*, no final do ano passado, em que foi lançado um manual de boas práticas para famílias de crianças com problemas de desenvolvimento e apresentada uma versão em braille da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ambas da responsabilidade da Fundação Gulbenkian. ■



© Alexandre Nicoli

Orquestra Gulbenkian em Espanha e França

A digressão internacional efectuada pela Orquestra Gulbenkian, em Março, passou por Paris, Madrid, Oviedo e Múrcia. O programa dos concertos em Espanha incluiu *Os Sete Pecados Mortais* de Kurt Weill, com os cantores Angelika Kirchschlager, Alfons Brandl, Huber Nettinger, Michael Mantaj e Christian Schidt, a 3ª Sinfonia de Prokofiev em Dó menor, op. 44 e a *Valsa Mephisto* nº 1 de Franz Liszt. A primeira actuação foi no **dia 15**, em **Oviedo**, no Auditório do Palácio de Congressos Príncipe Felipe, seguindo-se o Auditório Nacional de Música, em **Madrid**, no **dia 16**, e por fim, o Auditório Victor Villegas em **Múrcia**, no **dia 17**. Em **Paris**, a Orquestra apresentou-se com o Coro Gulbenkian (na foto), dirigidos por Joana Carneiro, no **dia 20**, na **Cité de la Musique**, com um programa totalmente distinto: uma versão em concerto da ópera *A Flowering Tree* de John Adams, com os solistas Jessica Rivera (soprano), Noah Stewart (tenor) e Jonathan Lemalu (baixo). Recorde-se que o segundo acto desta obra – semi-encenado e comentado por Joana Carneiro – foi apresentado na Aula Magna, especialmente para escolas, no dia 12 de Março. Baseada em contos populares indianos, esta ópera foi encomendada para celebrar os 250 anos do nascimento de Mozart. A agenda internacional da Orquestra prossegue no Verão com o regresso do agrupamento ao Festival de Bad Kissingen, na Alemanha, durante o mês de Julho. ■

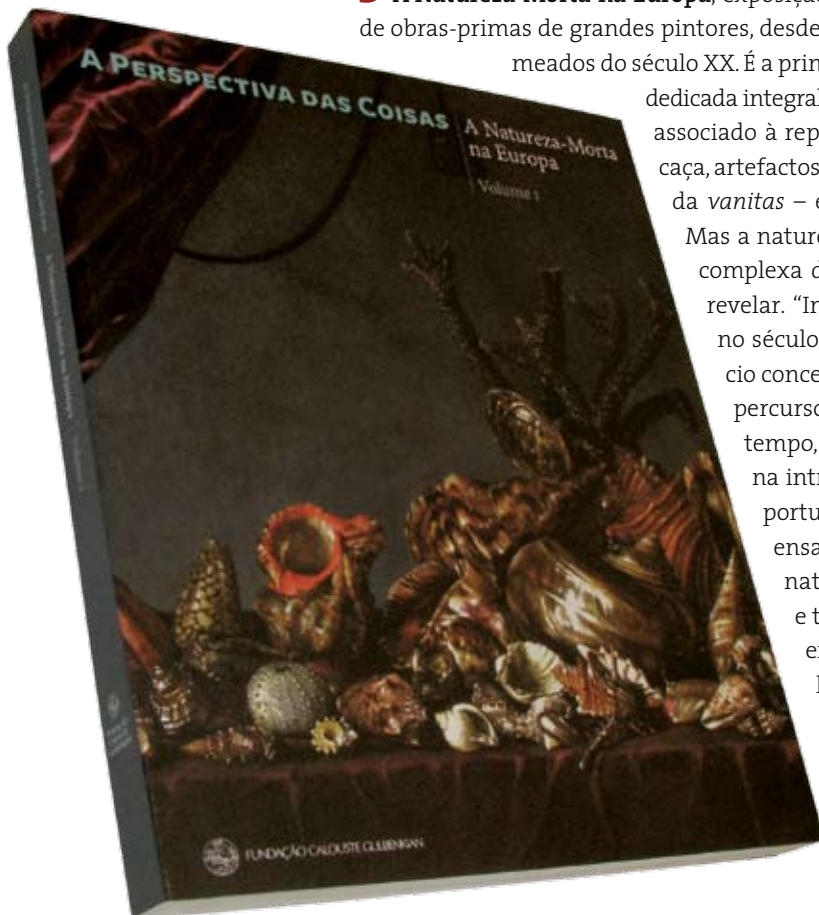
Cursos Musicais

Sementes do Jazz na Música Clássica (20, 22, 28 e 29 de Abril) e Transgressões e Pecados da História da Música (5, 6, 10 e 12 de Maio) são os dois próximos cursos teóricos dedicados à música, a realizar na Fundação.

O primeiro curso é orientado por **Pedro Moreira** e vai debruçar-se sobre o impacto da música afro-americana na Europa no final do século XIX, e que se reflectiu em obras como o Blues de Ravel, o Fox-Trot de Chostakovitch, o Charleston de Kurt Weill ou os Ragtimes de Stravinsky e Alban Berg.

O segundo curso, dado por **Rui Vieira Nery**, vai analisar os momentos de ruptura mais marcantes em mil anos de história da música ocidental. Entre outros exemplos, surgirá a explicação de como a polifonia veio romper as normas rigorosas do canto-chão da Idade Média ou como é que na viragem para o século XVII aparece, em Itália, uma tentativa de recriar a música da tragédia grega, ou ainda se poderá haver música depois dos grandes atentados terroristas à tonalidade realizados por Schönberg e Stravinsky. Os cursos são organizados pelo Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e realizam-se sempre às 18h30 na sede da Fundação. (Informações e reservas: 21 782 38 00 ou www.descobrir.gulbenkian.pt.) ■

A Perspectiva das Coisas A Natureza-Morta na Europa Volume I



Já está disponível o primeiro volume do catálogo de **A Perspectiva das Coisas. A Natureza-Morta na Europa**, exposição que reúne um conjunto assinalável de obras-primas de grandes pintores, desde as origens deste género pictórico até

meados do século XX. É a primeira exposição realizada em Portugal dedicada integralmente ao género que é habitualmente associado à representação de frutos, flores, peças de caça, artefactos e utensílios do quotidiano, ou mesmo da *vanitas* – evocação da transitoriedade da vida.

Mas a natureza-morta encerra uma história mais complexa do que a que à primeira vista parece revelar. “Imitação, metáfora, símbolo, código e, no século XX, desconstrução do real ou exercício conceptual, tudo é possível descortinar nos percursos de vários autores que, ao longo do tempo, cultivaram a natureza-morta”, lê-se na introdução ao catálogo. Com edições em português e inglês, esta publicação contém ensaios de Peter Cherry, especialista em natureza-morta espanhola e italiana e também comissário científico desta exposição, de John Loughman (pintura holandesa, flamenga e alemã) e ainda de Lesley Stevenson (pintura francesa), reproduzindo e comentando individualmente as 71 pinturas que compõem a primeira parte desta exposição (séculos XVII a XVIII), patente na Sede da Fundação Gulbenkian

até 2 de Maio. O segundo volume do catálogo será oportunamente publicado, quando for apresentada na Fundação a segunda parte da exposição (séculos XIX e XX), em Outubro de 2011. ■

Infância, Educação Escolar e Profissionalidade Docente: um mapeamento social dos discursos em formação inicial de professores

Fátima Pereira

Reedições

Manual de Investigação em Educação de Infância | 2ª edição

Organização de Bernard Spodek

Estudo e Classificação das Rochas por Exame Macroscópico 12ª edição

Joaquim Botelho da Costa



Hospitais coloridos

Aala de Pediatria do Hospital das Caldas da Rainha ficou mais acolhedora depois desta renovação com desenhos murais coloridos, que contribuem para minorar os efeitos do internamento nas crianças hospitalizadas. Este projecto artístico, com carácter lúdico e decorativo, foi levado a cabo pela Fundação Anouk, no final do ano passado, e teve o contributo da Fundação Gulbenkian. Durante dois meses, os artistas convidados pela Fundação Anouk desenharam e pintaram animais sorridentes, objectos coloridos e pedaços de histórias infantis, de cores fortes, de forma a tornarem o espaço de internamento mais acolhedor. Alguns estudos feitos em instituições médicas demonstram que um ambiente mais estimulante ajuda a reduzir o medo nos jovens pacientes internados, a encorajar a interacção entre eles, através de uma melhor comunicação, e também à criação de condições para um tratamento mais eficaz. Os projectos desta fundação suíça estão espalhados por seis países europeus, em hospitais pediátricos, mas também em centros de reabilitação e lares para os mais velhos. ■

Outros apoios

Projecto Comunidade Saudável – Timor Leste

Subsídio à organização não governamental para o desenvolvimento Médicos do Mundo – Portugal para a continuação do projecto Comunidade Saudável – Timor Leste, também financiado pela Comissão Europeia e pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento.

Ética e Ciências da Vida

Apoio ao Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa para promover a reflexão bioética nas áreas de cuidados paliativos e a capacitação dos cidadãos nas decisões sobre as questões éticas relacionadas com as ciências da vida.

Estudo nacional sobre o Dirigente Associativo Voluntário

Subsídio à Confederação Portuguesa das Colectividades da Cultura, Recreio e Desporto para a realização de um estudo nacional sobre o dirigente associativo voluntário das colectividades e associações privadas sem fins lucrativos.



João Leonardo | 36 anos | Artes Plásticas*

Aprender com as culturas diferentes

QUAL É O SEU PERCURSO ACADÉMICO?

Sou licenciado em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Em 1999, viajei para Sydney onde fiz um Curso Avançado em Design Gráfico, no Billy Blue College of Design. De regresso a Lisboa, em 2002, entrei para a Maumaus – Escola de Artes Visuais, instituição onde estudei até vir para a Academia de Malmö, em 2007.

DE QUE MODO O PRÉMIO EDP – NOVOS ARTISTAS (2005) SE REFLECTIU NA SUA CARREIRA?

O Prémio EDP foi importante, desde logo, pela exposição em si. Isto é, pela primeira vez foi possível trabalhar com meios profissionais, um orçamento e equipa técnica, coisas apenas possíveis num contexto institucional. A atribuição do prémio trouxe sobretudo uma grande visibilidade ao meu trabalho e, a partir dessa posição, foi possível, de certa forma, escolher a galeria com que decidi trabalhar. Após uma fase de “namoro”, entrei para a Galeria 111, que com o seu percurso histórico e a vontade da direcção em introduzir sangue novo, me tem proporcionado uma colaboração de cumplicidade e admiração mútua.



E COMO FOI ESTUDAR E VIVER EM MALMÖ?

Malmö é uma cidade cosmopolita: 38 por cento da população não é de origem sueca. A ponte que liga Malmö a Copenhaga permite uma ligação rápida com outro centro urbano extremamente activo em termos de oferta cultural. Neste contexto, viver e estudar em Malmö permitiu-me conhecer bem dois países próximos, mas bastante distintos. A Academia é frequentada por artistas de vários países, com um espírito muito aberto entre todos. O facto de existir um pequeno núcleo de artistas portugueses na Academia, a Ana Bezelga e a Maria Lusitano, colegas do mestrado e também bolseiras, e ainda a Lara Morais, do intercâmbio com a Maumaus, fez com que se gerassem laços de amizade e apoio que ajudavam nos dias frios e escuros do Inverno. Havia sempre tempo para tomar café e falar em português!

PORQUE ESCOLHEU A ACADEMIA DE ARTE DE MALMÖ?

No âmbito do Programa de Estudos Independentes da Escola Maumaus, tive a oportunidade de conhecer e mostrar o meu trabalho à professora Gertrud Sandqvist, a fundadora da Academia de Arte de Malmö. Esse encontro foi determinante porque ela teceu um conjunto de considerações muito lúcidas e perspicazes sobre o meu trabalho e, de imediato, senti que seria positivo aprofundar esse diálogo. O facto de sempre ter sido fascinado pela Escandinávia, pela sua mitologia e cultura, foi também um factor de peso na opção que fiz.

E COMO FOI A EXPERIÊNCIA?

Excelente! As condições físicas da Academia são excepcionais, porque todos os alunos têm um estúdio individual e acesso à escola 24 horas por dia. Foram realizadas visitas de estudo à Documenta de Kassel e ao Cairo, no Egipto. Fiz residências em Amesterdão e na Islândia. Tudo isto são oportunidades de aprendizagem e de partilha de ideias. O nosso trabalho ganha e amadurece neste confronto crítico constante com culturas diferentes. Devo acrescentar ainda que tive o privilégio de ter o artista João Penalva como

orientador do meu trabalho final; este facto foi marcante e enriqueceu muito a minha experiência na universidade.

NESTE MOMENTO APRESENTA A EXPOSIÇÃO *TIMELINE* NA GALERIA 111 - PORTO. EM QUE CONSISTE?

Trata-se da mesma exposição que foi apresentada em Lisboa, em Abril, adaptada ao espaço do Porto. A exposição é de fotografia e vídeo. As fotografias são um conjunto de imagens tiradas nos últimos quatro anos, apresentadas numa linha contínua, cronológica, que funciona como um diário visual íntimo. Em relação ao vídeo, apresento *Another Autointerview*, uma projecção em que se vêem duas figuras gémeas num diálogo sobre a vida, a arte, o amor e a morte. É uma versão distinta do trabalho que mostrei em Lisboa, *Autointerview*, mas baseia-se no mesmo texto, escrito por Lucas Samaras em 1971. Uma vez que a exposição do Porto nunca poderia ser montada da mesma forma que a de Lisboa, resolvi mostrar este outro trabalho para sublinhar a diferença e a impossibilidade da repetição. ■

** bolseiro do Serviço de Belas-Artes na Academia de Arte de Malmö, Universidade de Lund, Suécia*

Pavão e Troféus de Caça

Jan Weenix

Museu Calouste Gulbenkian

Jan Weenix conheceu um êxito assinalável na execução de naturezas-mortas, sobretudo em composições que têm como tema exuberantes cenas de caça. Esta obra data precisamente de uma época em que o pintor esteve ocupado com a realização de uma série de 12 composições subordinadas a esse motivo, entre 1712 e 1714, destinadas ao Castelo de Bensberg, obedecendo a uma encomenda do eleitor palatino Johann Wilhem, de quem Weenix foi pintor da corte.

Na pintura, de grandes dimensões, ao gosto da pintura decorativa do final do século XVII, nos Países Baixos e na Alemanha em particular, representam-se, demarcados por uma linha diagonal imaginária que divide a composição em dois segmentos triangulares, diversos troféus de caça e um pavão enquadrado por fundo paisagístico. A posição inanimada do cisne, na zona mais iluminada do quadro, obedece a um protótipo largamente difundido em obras desta tipologia, sendo frequente a sua representação em composições de pintores como Frans Snyders (1579-1657), de cuja tradição esta tela é tributária. Em segundo plano, encontra-se uma urna de grandes proporções, ornamentada com baixos-relevos.

A obra revela afinidades com diversas pinturas do artista realizadas de acordo com o mesmo espírito, destinadas a ilustrar o divertimento favorito das elites, como *Ganso Morto e Pavão* (The Wallace Collection, Londres), executada em 1718. A influência do seu pai, Jan Baptist Weenix (1621-1659), também pintor de naturezas-mortas e cenas de caça,

é igualmente visível nesta obra, como se constata em *Cisne Morto e Outros Pássaros* (The Detroit Institute of Arts), de c. 1651. A pintura, inscrita num género que, como se disse, conheceu grande sucesso na época e cuja posse se encontra inequivocamente associada a um estatuto de poder, concilia a natureza-morta com a representação de animais vivos, numa alusão a espécies cuja captura constituía uma prerrogativa específica da nobreza.

A obra encontra-se exposta na mostra *A Perspectiva das Coisas. A Natureza-Morta na Europa*, cuja primeira parte decorre na Galeria de Exposições Temporárias da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, de 12 de Fevereiro a 2 de Maio de 2010. A segunda parte deste projecto, dedicada aos séculos XIX e XX, terá lugar na mesma galeria entre 21 de Outubro de 2011 e 8 de Janeiro de 2012. ■ **Luísa Sampaio**

Jan Weenix (1642-1719)

*Assinado e datado em baixo à direita: J. Weenix f. 1708
Holanda, 1708*

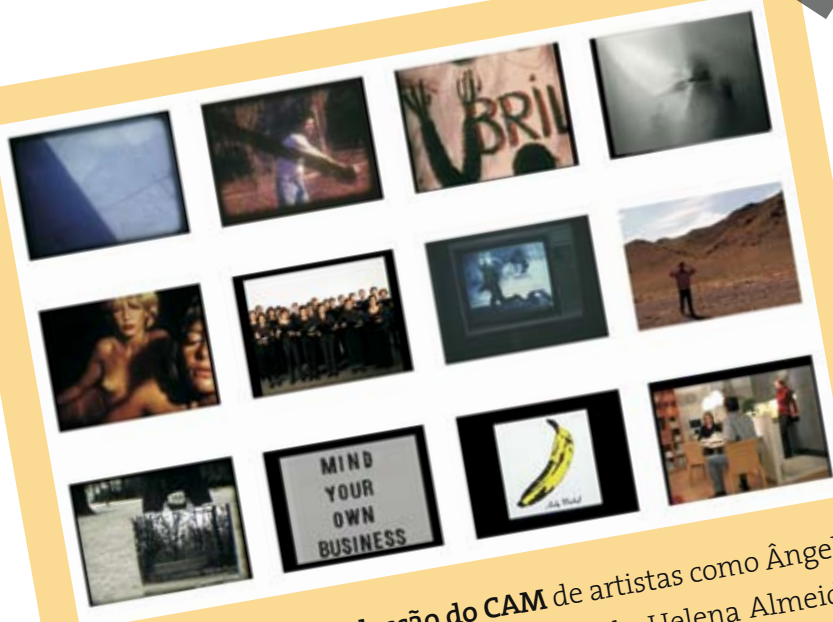
Óleo sobre tela

200 x 195 cm

Proveniência: venda Schley, Amesterdão, 6 de Outubro de 1801; Cornelis Sebille Roos; Coleção Anna Maria Hogguer-Ebeling, venda Shley, Amesterdão, 18 de Agosto de 1817; Van den Berg; Capt. Alston Robert West; comprado por Agnew Gallery, Londres, 6 de Fevereiro de 1919.

*Adquirido na Casa Duveen, Paris, em 19 de Outubro de 1920.
Nº Inv. 454*





Filmes e vídeos da colecção do CAM de artistas como Ângelo de Sousa, Fernando Calhau, Ana Hatherly, Helena Almeida, Julião Sarmento, João Onofre, Rui Calçada Bastos, Filipa César, Noé Sendas, Bruno Pacheco e Rui Valério, serão exibidos a partir de **7 de Maio**. A curadoria é de Leonor Nazaré. Para ver no CAM até 11 de Julho. ■

Mulheres e Desenvolvimento: Testemunhos de Cidadania juntará dois olhares e duas realidades diferenciadas no dia **22 de Abril**, às 17h30, na FIL Junqueira, integrando a iniciativa do IPAD *Os Dias do Desenvolvimento*. A convite do Programa Gulbenkian de Apoio ao Desenvolvimento, a conversa será moderada pelo jornalista Adelino Gomes, e terá como protagonistas Paula Teixeira da Cruz e Nelvina Barreto (Banco Africano de Desenvolvimento). ■



Catedral de Calcutte

No dia **18 de Maio**, será apresentado o primeiro de três volumes que reúne a sistematização do património histórico de origem portuguesa no mundo – arquitectura e urbanismo. O projecto, encomendado pela Fundação Gulbenkian, tem a coordenação do historiador José Mattoso e de uma vasta equipa de especialistas que trabalhou na inventariação de todos os lugares, incluindo os países africanos de língua oficial portuguesa e Timor-Leste. ■

exposições

Terça a Domingo das 10 às 18h (excepto A Perspectiva das Coisas. A Natureza-Morta na Europa)
Encerra à segunda e Domingo de Páscoa

O FIO CONDUTOR DESENHOS DA COLEÇÃO DO CAM

ATÉ 11 DE ABRIL
Centro de Arte Moderna
Sala de Exposições Temporárias
Curadoria: Leonor Nazaré
Entrada Livre

JANE E LOUISE WILSON: TEMPO SUSPENSO

ATÉ 18 DE ABRIL
Centro de Arte Moderna
Curadoria: Isabel Carlos
€4 [inclui entrada na exposição Abstracção e Figura Humana na Coleção de Arte Britânica do CAM]

ABSTRACÇÃO E FIGURA HUMANA NA COLEÇÃO DE ARTE BRITÂNICA DO CAM

ATÉ 18 DE ABRIL
Centro de Arte Moderna
Curadoria: Ana Vasconcelos
€4 [inclui entrada na exposição]
Jane e Louise Wilson: Tempo Suspenso]

A PERSPECTIVA DAS COISAS A NATUREZA-MORTA NA EUROPA PRIMEIRA PARTE: SÉCULOS XVII-XVIII

ATÉ 2 DE MAIO
TERÇA, QUARTA, SEXTA, SÁBADO E DOMINGO
DAS 10H ÀS 18H
QUINTA DAS 10H ÀS 21H
Galeria de Exposições Temporárias da Sede
Curadoria: Peter Cherry
€5

41° 52' 59" LATITUDE N/ 8° 5' 12" LONGITUDE O JORGE BARBI

7 DE MAIO ATÉ 11 DE JULHO
Centro de Arte Moderna
Curadoria: Juan de Nieves
€4

FILMES E VÍDEOS NA COLEÇÃO DO CAM

7 DE MAIO ATÉ 11 DE JULHO
Centro de Arte Moderna
Curadoria: Leonor Nazaré
€4 [inclui entrada na exposição de Jorge Barbi]

eventos

Todos os eventos são de entrada livre, excepto onde assinalado

LES GLANEURS E LA GLANEUSE

"OS RESPIGADORES E A RESPIGADORA"
DE AGNÉS VARDA, 2001
CICLO CINEMA & AMBIENTE
13 ABRIL, TERÇA, 21H30
Cinemateca Portuguesa
Sessão comentada por Helena Roseta

A GRANDE ILUSÃO

CONFERÊNCIA NO ÂMBITO DA
EXPOSIÇÃO A PERSPECTIVA DAS COISAS.
A NATUREZA-MORTA NA EUROPA
20 ABRIL, TERÇA, 18H00
Auditório 2
Jorge Estrela

A BELEZA MATEMÁTICA DAS CONCHAS MARÍTIMAS

NOVO CICLO DE CONFERÊNCIAS:
A MATEMÁTICA E OS SEUS ENCANTOS
21 ABRIL, QUARTA, 18H00
Auditório 2
Jorge Picado, Faculdade de Ciências, Universidade de Coimbra

GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS

3º WORKSHOP DE INVESTIGAÇÃO
PROGRAMA GULBENKIAN PRÓXIMO FUTURO
22 ABRIL, QUINTA, 09H30
Auditório 3
Ana Carla Fonseca (Brasil), Barthélémy Togue (Camarões),
César Piva (Brasil), Fátima Anllo Vento (Espanha)

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS: O GRANDE DESAFIO AO NOSSO FUTURO COMUM CONFERÊNCIA NO ÂMBITO DO PROGRAMA GULBENKIAN AMBIENTE

27 ABRIL, TERÇA, 18H00
Auditório 2
Rajendra K. Pachauri, Responsável pelo Painel
Intergovernamental para as Alterações Climáticas

MIND FACES – AS DIFERENTES FACES DA SAÚDE MENTAL

FÓRUM GULBENKIAN DE SAÚDE
Auditório 2
28 ABRIL, QUARTA
09H30 COLÓQUIO
PREVALÊNCIA E IMPACTO DOS
PROBLEMAS DE SAÚDE MENTAL
NA SOCIEDADE ACTUAL

16H30 CICLO DE CONFERÊNCIAS ANGÚSTIA, HISTERIA E PERVERSÃO NA HISTÓRIA DA ÓPERA MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS, POR RUI VIEIRA NERY

WIND ACROSS THE EVERGLADES
"A FLORESTA INTERDITA"
DE NICHOLAS RAY, 1958
CICLO CINEMA & AMBIENTE
11 MAIO, TERÇA, 21H30
Cinemateca Portuguesa
Sessão comentada por Rosalia Vargas

música

ORQUESTRAS CONVIDADAS E EM RESIDÊNCIA ORQUESTRA JUVENIL GUSTAV MAHLER

8 ABRIL, QUINTA, 19H00
Grande Auditório
Richard Strauss, Leos Janáček, Igor Stravinsky

CONCERTO DE DOMINGO

QUARTETO BLANC
11 ABRIL, DOMINGO, 12H00
Átrio da Biblioteca de Arte
Mariana Blanc VIOLA
David Ascenção VIOLINO
Rodrigo Gomes VIOLINO
Maria Isabel Vaz VIOLONCELO
Wolfgang Amadeus Mozart, Dimitri Chostakovich

ORQUESTRAS CONVIDADAS E EM RESIDÊNCIA ORQUESTRA JUVENIL GUSTAV MAHLER CORO GULBENKIAN

11 ABRIL, DOMINGO, 19H00
Grande Auditório
David Afkham MAESTRO
Mikhail Petrenko BAIXO
Gustav Mahler, Dimitri Chostakovich

CONCERTOS COMENTADOS PARA JOVENS

A TENTACÃO DO JAZZ
16 ABRIL, SEXTA, 11H00
Grande Auditório
Ver [para os mais novos](#)

CONCERTOS COMENTADOS PARA FAMÍLIAS

A TENTACÃO DO JAZZ
16 ABRIL, SEXTA, 19H00
17 ABRIL, SÁBADO, 16H00
Grande Auditório
Ver [para os mais novos](#)

ORQUESTRAS CONVIDADAS E EM RESIDÊNCIA

ORQUESTRA JUVENIL GUSTAV MAHLER
16 ABRIL, SEXTA, 21H00
Coliseu dos Recreios
António Pappano MAESTRO
Han-Na Chang VIOLONCELO
Richard Strauss, Dimitri Chostakovich

CICLO DE MÚSICA ANTIGA THE AMSTERDAM BAROQUE ORCHESTRA

18 ABRIL, DOMINGO, 19H00
Grande Auditório
Ton Koopman MAESTRO
Tini Mathot CRAVO
Catherine Manson VIOLINO
David Rabinovich VIOLINO
Deidre Dowling VIOLA
Ageet Zwiestra VIOLONCELO
Michele Zeoli CONTRABAIXO/VIOLONE
Johann Sebastian Bach

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA QUARTETO KELLER

20 ABRIL, TERÇA, 19H00
Grande Auditório
András Keller VIOLINO
János Pilz VIOLINO
Zoltán Gál VIOLA
Judit Szabó VIOLONCELO
Dénés Várjon PIANO
Szabolcs Zempleni TROMPA
György Ligeti, Béla Bartok, Ludwig van Beethoven,
Georges Enesco

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

22 ABRIL, QUINTA, 21H00
23 ABRIL, SEXTA, 19H00
Grande Auditório
Fernando Eldoro MAESTRO
Miriam Gorson-Stuart SOPRANO
Ana Maria Pinto SOPRANO
Toby Spence TENOR
Benjamin Britten, Felix Mendelssohn-Bartholdy

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

26 ABRIL, SEGUNDA, 19H00
Auditório 2
Alexandra Mendes VIOLINO
David Wahnón VIOLINO
Pedro Pacheco VIOLINO
Otto Pereira VIOLINO
Samuel Barsegian VIOLA
Lu Zheng VIOLA
Levon Mouradian VIOLONCELO
Raquel Reis VIOLONCELO
Louis Spohr, Felix Mendelssohn-Bartholdy

CICLO DE PIANO

27 ABRIL, TERÇA, 19H00
Grande Auditório
Arcadi Volodos PIANO
Alexander Scriabin, Robert Schumann, Isaac Albéniz,
Franz Liszt

ORQUESTRA GULBENKIAN

29 ABRIL, QUINTA, 21H00
30 ABRIL, SEXTA, 19H00
Grande Auditório
Simone Young MAESTRO
David Lefèvre VIOLINO
Samuel Barsegian VIOLA
Wolfgang Amadeus Mozart, Gustav Mahler

CONCERTO DE DOMINGO

2 MAIO, DOMINGO, 12H00
Átrio da Biblioteca de Arte
Fernando Gomes VIOLONCELO
Tiffany Butt PIANO
Ludwig van Beethoven, Claude Debussy, Edvard Grieg

O SONHO DE PEDRO AMARAL MESA REDONDA COM PEDRO AMARAL, FERNANDA LAPA E TERESA RITA LOPES

3 MAIO, SEGUNDA, 19H00
Auditório 3

para os mais novos

descobrir...

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

BASCHET EM FAMÍLIA

10 e 17 ABRIL, SÁBADO
3 AOS 6 ANOS [10H00 e 15H00]
7 AOS 9 ANOS [11H30]

Edifício Sede
VISITA MUSICAL FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

ESCRITA HIEROGLÍFICA A ESCRITA QUE IMITA O MUNDO

10 ABRIL, SÁBADO, 14H30
5 AOS 12 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian
OFICINA | €7,5

NENÚFARES DE PAPEL

10 ABRIL, SÁBADO, 14H30
6 AOS 10 ANOS

Edifício Sede
OFICINA JARDIM FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

FIOS, LINHAS E TRAÇOS: DESENHAR O DESENHO!

10 ABRIL, SÁBADO, 15H30
7 AOS 11 ANOS

Centro de Arte Moderna
OFICINA CRIANÇAS | €7,5

11 ABRIL, DOMINGO, 10H30

4 AOS 6 ANOS
Centro de Arte Moderna
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

O ASTRÓNOMO

11 ABRIL, DOMINGO, 10H30
5 AOS 12 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian
VISITA/OFICINA | €7,5

A TENTACÃO DO JAZZ CONCERTOS COMENTADOS POR ALEXANDRE DELGADO PARA JOVENS

16 ABRIL, SEXTA, 11H00
PARA FAMÍLIAS

16 e 17 ABRIL, SEXTA e SÁBADO, 16H00

Grande Auditório
Orquestra Gulbenkian
Cesário Costa MAESTRO
Mário Laginha PIANO
Gunther Schuller, George Gershwin, Duke Ellington
M/6 | €6

AVENTURAS PELO JAZZ

17 ABRIL, SÁBADO, 10H00
6 AOS 12 ANOS

Edifício Sede
OFICINA MUSICAL | €7,5

AS ARTES DO TEMPO

17 ABRIL, SÁBADO, 14H30
4 AOS 12 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian
VISITA OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

HABITANTES CURIOSOS

17 ABRIL, SÁBADO, 15H00
6 AOS 10 ANOS

Edifício Sede
OFICINA/JARDIM FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

IMAGENS E PROJEÇÕES: VAMOS DESENHAR FIÇÕES!

17 ABRIL, SÁBADO, 15H30
7 AOS 11 ANOS

Centro de Arte Moderna
OFICINA CRIANÇAS | €7,5

IMAGENS E PROJEÇÕES: VAMOS DESENHAR FIÇÕES!

18 ABRIL, DOMINGO, 10H30
4 AOS 6 ANOS

Centro de Arte Moderna
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

OS MEUS PRIMEIROS SONS

24 ABRIL, SÁBADO
ATÉ 1 ANO DE IDADE [10H00 e 15H00]

1 AOS 2 ANOS [11H30 e 16H30]

Edifício Sede
VISITA MUSICAL FAMÍLIAS | €15 [pais + bebé]

TARTARUGAS DO JARDIM

24 ABRIL, SÁBADO, 15H00

6 AOS 10 ANOS
Edifício Sede
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

NÃO ESQUECER! GUARDADORES DE MEMÓRIAS

24 ABRIL, SÁBADO, 15H30
7 AOS 11 ANOS

Centro de Arte Moderna
OFICINA CRIANÇAS | €7,5

25 ABRIL, DOMINGO, 10H30

4 AOS 6 ANOS
Centro de Arte Moderna
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

HERBÁRIO DE SOMBRAS

1 MAIO, SÁBADO, 15H00

6 AOS 10 ANOS
Edifício Sede
OFICINA/JARDIM FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

QUANDO EU NASCI

2 e 16 MAIO, DOMINGO, 10H00 e 11H30

2 AOS 4 ANOS
Centro de Arte Moderna
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

ÇAÇA AO TESOURO NO JARDIM

2, 9, 16, 23 e 30 MAIO, DOMINGO, 11H00

6 AOS 12 ANOS
Edifício Sede
OFICINA/JARDIM FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

OS MEUS SEGUNDOS SONS

8 e 22 MAIO, SÁBADO

2 AOS 3 ANOS [10H00 e 15H00]

3 AOS 4 ANOS [11H30 e 16H30]

Edifício Sede
VISITA/MUSICAL FAMÍLIAS | €15 [pais + bebé]

DESPERTAR PARA A MÚSICA EM FAMÍLIA

8, 15, 22 e 29 MAIO, SÁBADO

3 AOS 5 ANOS [10H00]

6 AOS 9 ANOS [11H30]

Edifício Sede
VISITA/MUSICAL FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

RAPSÓDIA AZUL E OUTROS RETRATOS

8 MAIO, SÁBADO, 10H00

3 AOS 5 ANOS
Edifício Sede
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

SERES IMAGINÁRIOS NAS OBRAS DE ARTE

8 MAIO, SÁBADO, 10H00

5 AOS 12 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5

COLMEIA DO PRADO

8 MAIO, SÁBADO, 15H00

6 AOS 10 ANOS
Edifício Sede
OFICINA JARDIM FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

RETRATO A QUATRO MÃOS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

8 e 22 MAIO, SÁBADO, 15H00

MAIORES DE 6 ANOS

Centro de Arte Moderna
FAMÍLIAS | €15 [adulto + criança]

DESCOBRIR A NATUREZA NA ARTE - Os INSECTOS

9 MAIO, DOMINGO, 10H30

5 AOS 12 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
VISITA OFICINA | €7,5

MÚSICAS PARA MIL E UMA NOITES

15 MAIO, SÁBADO, 10H00

6 AOS 12 ANOS
Edifício Sede
OFICINA MUSICA | €7,5

SABES O QUE É ARQUEOLOGIA?

15 MAIO, SÁBADO, 14H30

5 AOS 12 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
VISITA OFICINA | €7,5

HABITANTES CURIOSOS

15 MAIO, SÁBADO, 15H00

5 AOS 12 ANOS
Edifício Sede
OFICINA JARDIM/FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

especial páscoa

PRIMAVERA, O RENASCER DA VIDA

6 e 7 ABRIL, TERÇA e QUARTA

5 AOS 12 ANOS [10H00 às 17H00]
Museu Calouste Gulbenkian | €30 [módulos de 2 dias]

O JARDIM DENTRO DE UM LIVRO

5 a 9 ABRIL, SEGUNDA a SEXTA

6 AOS 10 ANOS [14H30 às 17H30]
Jardim - Edifício Sede | €38 [módulos de 5 dias]

CUBISMO EM TEMPO REAL

6 a 9 ABRIL, TERÇA a SEXTA

4 AOS 6 ANOS [10H00 às 13H00]
7 AOS 11 ANOS [14H30 às 17H30]
Centro de Arte Moderna | €30 [módulos de 4 dias]

UM MUSEU EM MOVIMENTO!

6 a 9 ABRIL, TERÇA a SEXTA

7 AOS 11 ANOS [10H00 às 13H00]
4 AOS 6 ANOS [14H30 às 17H30]
Centro de Arte Moderna | €30 [módulos de 4 dias]

FÓRUM GULBENKIAN
DE SAÚDE 2010

mind faces

AS DIFERENTES FACES
DA SAÚDE MENTAL

ciclo cinema e mente

(13x) mais que a vida

- 26 Maio** **Das Cabinet des Dr. Caligari**
de Robert Wiene
- 9 Junho** **Spellbound**
de Alfred Hitchcock
- 16 Junho** **The Snake Pit**
de Anatole Litvak
- 23 Junho** **Les Yeux sans Visage**
de Georges Franju
- 30 Junho** **Peeping Tom**
de Michael Powell
- 7 Julho** **Vivre sa Vie**
de Jean-Luc Godard
- 14 Julho** **Shock Corridor**
de Samuel Fuller
- 21 Julho** **Lillith**
de Robert Rossen
- 28 Julho** **Persona**
de Ingmar Bergman
- 4 Agosto** **Jaime** de António Reis
Titticut Follies de Frederick Wiseman
- 11 Agosto** **Zabriskie Point**
de Michelangelo Antonioni
- 18 Agosto** **One Flew over the Cuckoo's Nest**
de Milos Forman
- 25 Agosto** **Elephant**
de Gus Van Sant

COMISSARIADO POR
João Mário Grilo

Fundação
Calouste Gulbenkian

CENTRO DE ARTE MODERNA
SALA POLIVALENTE

**26 Maio
a 25 Agosto
2010**

Quartas-feiras às 18:00h
ENTRADA LIVRE



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Com o apoio da CINEMATECA PORTUGUESA

INFORMAÇÕES

Tel.: 21 782 35 60
forum.saude@gulbenkian.pt